

Práticas educativas inclusivas no ensino artístico a distância.

Prácticas educativas inclusivas en la enseñanza artística a distancia.

Inclusive educational practices in distance learning.

Ângela Saldanha

Centro de Investigação em Artes e
Comunicação, Universidade Aberta,
Portugal.
correio@angelasaldanha.com

Recibido 01/31/2017
Aceptado 08/12/2017

Revisado 22/11/2017
Publicado 01/01/2018

Elizabeth Carvalho

Centro de Investigação em Artes e
Comunicação, Universidade Aberta,
Portugal.
elizabeth.carvalho@uab.pt

Resumo

As escolas pouco têm alterado desde o século XIX, mas a reflexão sobre novas práticas ocorre constantemente.

São urgentes ações que mobilizem modificações que se adaptem aos tempos.

Neste artigo refletimos sobre duas áreas que nos parecem fundamentais para pensar a educação holística do indivíduo: a inclusão e o ensino artístico. Dando exemplos de duas práticas

Resumen

Las escuelas poco han cambiado desde el siglo XIX, pero la reflexión sobre nuevas prácticas ocurre constantemente.

Son urgentes acciones que movilicen modificaciones que se adapten a los tiempos.

En este artículo reflexionamos sobre dos áreas que nos parecen fundamentales para pensar la educación holística del individuo: la inclusión y la enseñanza artística. Dando ejemplos de dos prácticas experimentales llevadas

Para citar este artículo

Saldanha, Ângela & Carvalho, Elizabeth. (2018). Práticas educativas inclusivas no ensino artístico a distância. Tercio Creciente, 13, págs. 155-172. <https://dx.doi.org/10.17561/rtc.n13.11>

experimentais realizadas em Portugal no ensino secundário (com estudantes dos 15 aos 18 anos) e ensino universitário (estudantes adultos).

Práticas colaborativas construídas com os alunos que nos fazem repensar a vida, os objetivos e finalidades da educação.

a cabo en Portugal en la enseñanza secundaria (para estudiantes de 15 a 18 años) y la educación universitaria (estudiantes adultos).

Prácticas colaborativas construidas con los alumnos que nos hacen repensar la vida, los objetivos y finalidades de la educación.

Abstract

Schools have changed little since the nineteenth century, but reflection on new practices is constantly occurring.

Actions that mobilize modifications that adapt to the times are urgent.

In this article we reflect on two areas that we consider fundamental to think about the holistic education of the individual: the inclusion and the artistic teaching. Giving examples of two experimental practices carried out in Portugal in secondary education (with students from 15 to 18 years old) and university education (adult students).

Collaborative practices built with students that make us rethink the life, goals and purposes of education.

Palavras-chave / Palabras clave / Keywords

Educação inclusiva, educação artística, educação a distância, cegos.

Educación inclusiva, educación artística, educación a distancia, ciegos.

Inclusive education, arts education, distance learning, blind

Para citar este artículo

Saldanha, Ângela & Carvalho, Elizabeth. (2018). Práticas educativas inclusivas no ensino artístico a distância. Tercio Creciente, 13, págs. 155-172. <https://dx.doi.org/10.17561/rtc.n13.11>

1. Introdução

Pensar a Educação Artística no ensino superior, não tecnicista com o uso do corpo, para jovens/adultos, já é um grande desafio devido às poucas práticas existentes, acrescentar o ensino a distância, já faz desafiar a nossa imaginação, mas se ainda adicionarmos a inclusão, certamente que pensaremos que é um enigma sem resolução.

A ilusão de resolver/pensar/projetar este grande mistério é o ponto de partida para olhar para o Projeto “Tele-Média-Arte” como um desafio com objetivos difíceis de alcançar, impossíveis de concretizar na prática com os recursos que possuímos na atualidade, mas um ótimo vetor para pensar nas (im) possibilidades da Educação para o presente e para o futuro.

As constantes e fáceis deslocamentos, não só na facilidade de mobilidade física, mas também nas comunicações digitais, dão-nos a oportunidade de vivermos em espaços híbridos e a um novo conceito de nomadismo. Um novo paradigma de sociedade que nos estimula a pensar na fugacidade residencial e em soluções educativas que respondam verdadeiramente às necessidades desta sociedade híbrida, intercultural, transcultural e incerta.

Repensar o Lugar, o não-lugar (Augé, 1992; Certeau, 1974; Traquino, 2010; Saldanha, 2015), a efemeridade, a deslocação, locomoção e a presença/ausência do corpo permitem-nos fazer novas cartografias do espaço onde vivemos (Didi-Huberman, 2013; Saldanha, 2015), das relações com os corpos e a sua importância em qualquer Educação sustentável e de qualidade.

Assim surge o conceito de Viagem, não só pela facilidade de deslocação, mas pela sua abrangência e ancestralidade. (Careri, 2002; Debord, 1958; Onfray, 2009)

Com o Processo de Bolonha (Declaração de Bolonha, 1999) a Europa tornou-se mais uma nas suas diretrizes de ensino e circulação de estudantes, mas no paradigma de crise e globalização atual, não são as fronteiras dos países vizinhos europeus que se constituem em novos lugares de residência ou de trabalho.

Necessitamos agora de uma educação contemporânea preparada para a globalização, para a incerteza (Morin, Ciurana, Motta, 2003) e para a distância física que as novas tecnologias permitem.

O Ensino das Artes, que desde sempre se vinculou à presença do corpo no contato direto com a matéria, necessita hoje, de ser pensado noutras circunstâncias, mas mantendo a qualidade de aprendizagem, para se expandir a lugares mais longínquos, numa educação mais democrática, sustentável e igualitária.

A Universidade Aberta, de ensino superior público a distância, tem ao longo dos seus vinte e oito anos reivindicado um lugar de aproximação com os novos espaços de ensino (Público, 2016).

Com o alargamento da escolaridade obrigatória para doze anos, com vista ao aumento da alfabetização portuguesa, outra realidade (anteriormente quase inexistente) surge-nos como urgência de reflexão: a educação artística inclusiva para jovens/adultos.

Se até a esta reforma os alunos com Necessidades Educativas Especiais eram integrados nas escolas até os dezasseis anos ou nono ano de escolaridade, sendo uma minoria aquela que prosseguia estudos, agora todos têm de frequentar o ensino até a maioridade.

Estas novas exigências alertam-nos para pensar na verdadeira inclusão, para desenvolver novas estratégias, refletir conceitos e exigir pedagogias para cada individuo nas suas particularidades (cada pessoa tem a sua limitação própria).

Já em termos de deficiência visual, as estimativas apontam para a existência de cerca de 160.000 pessoas, dos quais 20.000 são cegas.

Destas, estima-se que cerca de 235 frequentem atualmente o Ensino Superior em Portugal (GTAEDES, 2014).

Os direitos das pessoas com necessidades especiais no Ensino Superior, são contemplados na Lei de Bases do Sistema Educativo e a Lei de Bases da Prevenção, Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência (Lei 38/2004), que fundamentam a regulamentação específica aprovada pelas IES.

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo pessoas com deficiência têm direitos a:

- Materiais didáticos necessários para o estudo, nomeadamente transcrições em Braille
- Gravações áudio
- Adaptações individuais de equipamentos de apoio
- Aconselhamento psicológico e pedagógico
- Curricula adaptados à deficiência específica
- Regime Especial de Educação para adaptar as condições de aprendizagem para as necessidades específicas das pessoas com deficiência, equipamentos especiais,

condições especiais para frequentar unidades curriculares, condições especiais para a avaliação (de acordo com o tipo de exame, o tipo de instrumento de avaliação, oral ou escrita, exame duração e local do exame), reforço de apoio pedagógico (apoio individual complementares e número de horas definidas)

- Aulas individuais
- Aulas especiais. (Porfírio; Gronita; Carrilho; Vaz da Silva, 2016)

É neste contexto real, que vivemos hoje, que se justifica a necessária reflexão sobre o ensino artístico a distância, na movimentação/ linguagem corporal, de forma a pensar a sua ação em práticas facilitadoras de uma Educação de qualidade para todos, tendo em conta a inclusão de todos.

“A falta de um nível adequado de educação/ formação permanece um fator de risco de pobreza e exclusão. Um dos objetivos estratégicos da Estratégia Europa 2020 é reduzir em pelo menos 20 milhões o número de pessoas em risco de pobreza e exclusão social na EU, o que denota a importância crucial do tema da inclusão em termos de políticas comunitárias.” (Porfírio; Gronita; Carrilho; Vaz da Silva, 2016: 8)

Como pensar a educação artística inclusiva, com o uso do corpo, no ensino superior a distância?

A Viagem

“No caminho RE-PARAMOS, prestamos atenção, detendo-nos com cuidado nos diversos lugares que visitamos, estamos mais conscientes do que rodeia porque tudo é novo. Ativamos a nossa consciência para além do conhecimento.

A Chegada é a união com o desconhecido, o lugar do outro, inicia-se a procura por um lugar confortável de refúgio.” (Saldanha & Eça, 2017)

A Viagem (como metodologia) - texto selecionado e adaptado do artigo de Saldanha & Eça, (2017) “Per-corremos, Re-Paramos, Re-tornamos e Re-tornar – a importância do conceito de Viagem na Educação”

“Existe dentro de nós um mapa que se altera em cada viagem que fazemos.

Nos movimentos conscientes que o nosso corpo, na sua locomoção, nos permite, alteramos as movimentações inconscientes da nossa interioridade.

Captamos, com os receptores externos, sensações, muitas vezes indizíveis, mas que na alteridade se tornam parte de um íntimo que não controlamos. O nosso coração pulsa na magia da descoberta, os pulmões adaptam-se às altitudes, as nossas entranhas movimentam-se nas relações que traçamos, e a nossa pele, esse imenso órgão, na sua sensorialidade máxima, faz a ligação imediata entre estes dois mundos.

Todo o nosso corpo evoluiu porque se moveu, não só pelo carácter nómada da sociedade, mas também, por continuar a viajar na sua sedentariedade.

Há em nós essa necessidade de errância ancestral. Um corpo que anseia, deseja e sonha com o caminhar, com a descoberta

de outro(s) dentro de nós. A urgência da descoberta para a sobrevivência de um corpo com alma.

Falamos, aqui, do conceito aglutinador da Viagem, pelo seu potencial educativo, revelado ao longo da história da humanidade, e pela sua urgência na inconstância do mundo contemporâneo.

A viagem como oportunidade de construção da própria educação, num pensamento crítico tão necessário nos dias de hoje e no futuro instável que se avizinha.” (Saldanha, 2016) ¹

Iniciaremos com uma analogia à Viagem e Educação e de como a última se torna mais significativa com os conceitos inerentes à primeira.

Conscientes da importância das relações em qualquer aprendizagem realçamos o uso das práticas artísticas que espoletam conexões entre pessoas e potenciam a sua reflexão em torno de uma sociedade da alteridade.

A deslocação faz parte da história e da evolução das espécies e é referida constantemente na Educação.

A viagem permite-nos a possibilidade do encontro conosco e com o outro. “Assim que o exercício reflexivo, e autorreflexivo, que a viagem permite, é experimentado antes mesmo da sua realização (...)” (Peixoto, 2014:235)

Nas práticas estéticas/artísticas vários foram e são os movimentos (por exemplo: dadaístas, surrealistas e situacionistas),

1.- Excerto retirado do relatório de Pós-doutoramento: Saldanha, Ângela (2016). “Em Viagem, um estudo sobre os desafios do ensino superior artístico a distância”, Lisboa: Universidade Aberta

que utilizam a deriva, a deambulação ou caminho para o conhecimento e criação – psicogeografia (Coverley, 2010) (experiências semelhantes foram também realizadas pelos antigos filósofos).

“An extremely high percentage of great thinkers, writers, philosophers throughout history have been avid wanderers or used the act of walking aimlessly as a way to fuel and influence their work. What is it about the act of wandering that feeds the creative mind? How does it allow us to access deeper layers of consciousness? Wandering is not a mindless task, but instead the opposite, the gateway to enlightenment. A surrender to the great mystery.” (Smith, 2016: XX)

O sentido da viagem - de procura e questionamento - está nos nossos genes e o seu efeito transformador, realizado no nosso interior, pode desenvolver o Ser Humano em respeito com a sua natureza.

No caminho da viagem e, assim das aprendizagens, a criação/separação de relações é um elemento fulcral em todo o processo.

Nos outros conhecemos histórias, narrativas e caminhos que nos suscitam o interesse em percorrer os mesmos percursos, ou pelo contrário, nos sugerem a alteração da rota. De qualquer das formas a sua partilha é fundamental para a continuação de um caminho significativo.

Durante a viagem a companhia ou a falta dela, a construção de relações tornam-se fundamentais para a nossa sobrevivência e evolução. Permitem o desenvolvimento da tolerância, respeito, compreensão e alteridade. (Saldanha & Eça, 2017)

A arte contemporânea realmente desenvolve um projeto político quando se empenha em investir e problematizar a esfera das relações. (Bourriaud, 2009:23)

Através do processo do fazer artístico criamos relações, internas e pessoais e externas, interpessoais - na medida em que a obra só se termina na relação com o outro. Partindo do fazer artístico contemporâneo, ativista e colaborativo dialogamos com o outro, trabalhamos com os outros e construímos juntos, somos fazedores de mundos na singeleza dos nossos sonhos. Sonhos, reflexões; questionamentos e construções que desenvolvem narrativas plurais através do afeto e da cumplicidade entre cada participante. O artista, move-se entre lugares, é um mediador, um facilitador de partilhas, um provocador de diálogos e um acionista. Na medida em que aciona algo, uma obra, um evento ou um momento. Trabalhamos no tempo e no espaço a desenhar impossibilidades, criando rupturas, abrindo brechas. Criamos espaços híbridos de percepção, de atenção e de ação. A ação provoca reação num movimento que se pretende emancipador. (idem)

O conceito de “Viagem” que qualquer processo de ensino reivindica aqui (na Educação Artística a distância) encontra mais força:

- num processo constante de transformação;
- em métodos construtivistas de ação;
- em metodologias que promovam a análise crítica;
- na promoção de conhecimento de novas culturas/novos lugares de conhecimento;
- na autonomia para a escolha de espaços e tempos de aprendizagem;
- na constante abertura para o deslumbramento;
- no olhar crítico sobre o conhecido;

- no conhecimento do outro e de si;
- na construção de caminhos carregados de sentido.²

“Nós mesmos, eis a grande questão da viagem. Nós mesmos e nada mais. Ou pouco mais. Certamente há muitos pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito, muito hipotético, de nos reencontrarmos ou, quem sabe, de nos encontrarmos. A volta ao planeta nem sempre é suficiente para obter esse encontro. Tampouco uma existência inteira, às vezes. Quantos desvios, e por quantos lugares, antes de nos sabermos em presença do que levanta um pouco o véu do ser!” (Onfray, 2009)

O ensino a distância

O ensino e aprendizagem a distância online (EAD) a nível universitário, está se tornando comum em todo o mundo. Por um lado, ele é uma consequência direta do rápido desenvolvimento da tecnologia da informação e comunicação (TIC), e por outro, pelo aumento da demanda na flexibilidade da relação espaço-tempo e da inovação tecnológica e pedagógica imposta pelos alunos (e potenciais alunos) às universidades, passando a oferta a ser mais baseada na web e no ensino a distância. Esta tendência tem levado as universidades, especialmente as universidades abertas, em busca de novos métodos de ensino e aprendizagem que possam explorar os meios tecnológicos para os

limites que as TIC podem realmente oferecer.

A educação à distância, permeada (Neves, Santos, Cortez & Cordeiro, 2015) pelo uso das tecnologias da informação e da comunicação, vem proporcionando ao profissional acesso ao conhecimento e promovendo a democratização do saber, não apenas pela sua flexibilidade, mas também por possibilitar a utilização de recursos dentro da própria instituição de trabalho. Godoy aponta que um fator de motivação para aprender com o uso da tecnologia é a possibilidade de não ter que deixar seu local de trabalho ou participar do treinamento em horário diferente da prática - do na instituição.

O EAD é descrito (Carvalho & Marcos, 2016) por como “a educação que ocorre somente através da Web”, isto é, impostas não consiste de quaisquer materiais de aprendizagem físicos enviados para alunos ou contato presencial. A aprendizagem puramente online é, essencialmente, o uso de ferramentas de eLearning em uma modalidade de educação a distância utilizando a Web como o único meio para toda a aprendizagem do aluno e contato. “Embora esta afirmação ainda seja válida, a noção de EAD evoluiu para incluir aspectos como a aprendizagem colaborativa, a participação online, aprendizagem conectivista e, mais recentemente, cursos online massivos abertos, para citar alguns.

As novas tecnologias de informação (Abbad, 2014) e comunicação impõem desafios para os profissionais que atuam na produção de cursos à distância. A articulação das mídias para a criação de ambientes propícios a

2.- Considerações finais do relatório de Pós-doutoramento: Saldanha, Ângela (2016). “Em Viagem, um estudo sobre os desafios do ensino superior artístico a distância”, Lisboa: Universidade Aberta

aprendizagem é algo que requer muito esforço e competência técnica das equipes responsáveis pela educação na atualidade. Ao que tudo indica, há poucos profissionais reparados para enfrentar esses desafios. Ainda é comum a veiculação de livros eletrônicos em lugar de cursos interativos que requerem a participação ativa do aluno no processo de ensino aprendizagem. Há muitos desafios no desenho de objetos e ambientes virtuais de aprendizagem.

Embora o EAD proporcione (Pimentel, Pereira, Paixão & Arruda, 2014) autonomia de estudos e flexibilidade de espaços e horários, sendo também um modelo de educação de menor custo em relação ao ensino presencial, essa modalidade ainda não é suficientemente inclusiva para os educandos com deficiências e limitações físicas tais como a cegueira. É necessário também considerar a individualidade e potencialidades dos alunos com deficiência visual, ressaltando a importância de oferecer condições educacionais e recursos materiais, pedagógicos e tecnológicos apropriados para o desenvolvimento e a aprendizagem desse aluno.

O corpo (como matéria de ação)

Como disse Carl Sagan, suportado pelos astrofísicos, “somos pó de estrelas”. O que comprova, se fossem necessárias provas, que o nosso corpo é feito da mesma matéria que as estrelas e, assim, da relação com tudo aquilo que existe.

Desde o corpo dos nossos ancestrais que se foi adaptando ao mundo, passando pelo corpo de Sócrates (469 a.C.- 399 a.C.) que derivava pela praça da Ágora grega, na procura do conhecimento, ou do corpo que

aprendia nos recintos fechados dos Lykeios de Aristóteles (Manso, 2017: 14); até aos nossos dias, que pensamos no corpo (até porque é aquilo que nos dá existência) como recinto de aprendizagem e de encantamento.

Ao falarmos do corpo, neste estudo, resgataremos o conceito de Merleau-Ponty (1965) de “carne do visível”, querendo com ele balancear as áreas de estudo examinadas segundo a profundidade do corpo humano, na sua constante existência de Emissor e Receptor.

É necessário pensar sobre a ausência e presença do corpo, pois como afirma Lyotard (1993) citado por Silva (1999, p.22): “(...) num momento em que o espaço e o tempo são atacados pelas novas tecnologias, o corpo também o é e deve sê-lo. Talvez devamos ficar de luto pelo corpo”. Um corpo que se torna outro no lugar que ocupa. Ele é e está dependente do lugar em que se move, transformando e transformando-se. (Silva, 1999)

Falamos do corpo viajante, que se torna ele mesmo cartografia dos lugares onde passou (um corpo memória-poética), contendo nele o motor de toda a viagem. Um olhar sobre a nossa existência, usando o corpo como objeto preferencial de estudo, compreendendo a sua expressão no movimento, as suas limitações, as suas potencialidades e o seu poder enquanto criador e objeto artístico.

Se esta certeza (o meu corpo pertence-me) é abalada, tudo (o mundo, o meu mundo) é abalado. (Tavares, 2013: p.183)

Procuramos, com o movimento do corpo (como expressão e ação do pensamento) (Tavares, 2013) uma relação entre os quatro

corpos de Valéry³: o conhecimento de si, a relação com os outros (a partilha com estudantes/professores), a consciência do corpo, das suas transformações e a criação do corpo (o corpo como objeto poético).

A educação inclusiva

Quando se aborda o tema da inclusão torna-se forçoso referir a importância da

Declaração de Salamanca, realizada numa “Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade” que decorreu na cidade de Salamanca, Espanha, entre sete e dez de Junho de 1994. Desde então esta declaração passou a ser um importante marco naquilo que é considerado um ponto de viragem do ensino especial, sendo uma referência para toda a comunidade internacional na área das necessidades educativas especiais.

Nela poderemos ler: “Nas escolas inclusivas, os alunos com necessidades educativas especiais devem receber o apoio suplementar de que precisam para assegurar uma educação eficaz. A pedagogia inclusiva é a melhor forma de promover a solidariedade entre os alunos com necessidades especiais – ou em aulas ou secções especiais dentro duma escola, de forma permanente – deve considerar-se como medida excepcional, indicada unicamente para aqueles casos em que fique claramente demonstrado que a educação nas

aulas regulares é incapaz de satisfazer as necessidades pedagógicas e sociais do aluno, ou para aqueles em que tal seja indispensável ao bem-estar da criança deficiente ou das restantes crianças”.

Em conclusão, podemos referir com base em Dias (1995) que as potencialidades de uma escola inclusiva:

“podem inferir que a evolução cognitiva da criança cega depende de processos de desenvolvimento e aprendizagem, desde o seu nascimento, mas que poderá ser fortemente condicionado pelo grau de estimulação que a criança receber ao longo do seu primeiro ano de vida. Quanto às etapas da socialização da criança cega, processarão normalmente se esta encontrar oportunidades no seu meio sócio-familiar, que lhe permitam ultrapassar os obstáculos inerentes à sua deficiência.” (Dias, 1995: 29)

A educação artística inclusiva (como veículo)

As escolas pouco têm alterado desde o século XIX, mas a reflexão sobre novas práticas ocorre constantemente.

Quando se aborda o tema da inclusão torna-se forçoso referir a importância da Declaração de Salamanca, realizada numa “Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade” que decorreu na cidade de Salamanca, Espanha, entre sete e dez de Junho de 1994. Desde então esta declaração passou a ser um

3.- Paul Valéry (1871-1945) defendeu nas suas publicações a teoria dos quatro corpos: aquele que cada um sente (corpo individual); aquele que os outros veem; o corpo anatómico (aquele que não vemos, mas sabemos pela ciência que é assim constituído); e o corpo utópico (o corpo desejado).

importante marco naquilo que é considerado um ponto de viragem do ensino especial, sendo uma referência para toda a comunidade internacional na área das necessidades educativas especiais.

Nela poderemos ler: “Nas escolas inclusivas, os alunos com necessidades educativas especiais devem receber o apoio suplementar de que precisam para assegurar uma educação eficaz. A pedagogia inclusiva é a melhor forma de promover a solidariedade entre os alunos com necessidades especiais – ou em aulas ou secções especiais dentro duma escola, de forma permanente – deve considerar-se como medida excepcional, indicada unicamente para aqueles casos em que fique claramente demonstrado que a educação nas aulas regulares é incapaz de satisfazer as necessidades pedagógicas e sociais do aluno, ou para aqueles em que tal seja indispensável ao bem-estar da criança deficiente ou das restantes crianças”.

Para que esta inclusão efetiva são duas as áreas que nos parecem fundamentais para pensar a educação holística do indivíduo: a inclusão e o ensino artístico.

No projeto de “Tele-Média-Arte” as pessoas com cegueira ou baixa visão ocupam um lugar bem especial, mas como não pretendemos a exclusão, pensamos em estratégias para todos (porque todos temos limitações), centrando-nos no sistema sensorial.

Na opinião de Dias (1995, p.56), o homem tem várias sensações cutâneas: sentidas através da pressão, da dor e da temperatura, mas para que a sensação se transforme em conhecimento é necessário um contacto direto com o objecto e uma exploração ativa - apalpando, mexendo, tocando e manipulando.

Existem determinadas experiências tácteis que o cego não poderá sentir devido à sua distância em termos de espaço físico, como por exemplo as estrelas, a lua, o céu, o fogo... Por isso, o papel da educação assume real importância na promoção de um ensino rico em estímulos e experiências.

A expressão corporal (como finalidade)

O corpo capta por si próprio as linhas intersticiais de tensão e de energia que, sendo moduladas como convém, compõem o equilíbrio das diferentes partes do corpo. (Gil, 2001: 158)

Não cabe, neste espaço, uma reflexão exaustiva sobre a Expressão Corporal na sua complexidade e extensão, por isso, a apresentaremos associada às funções simbólicas da Performance, da consciência do poder de comunicação do corpo.

O Movimento Futurista, com a sua fundação no “Manifesto Futurista” (1909), propõe a ação. O anseio pelo movimento, do uso do corpo como próprio Manifesto, e assim é percebida a Performance, como “uma arte de dizer que se propõe explorar radicalmente a materialidade plástica e semiótica da linguagem.” (Pais, 2017:36)

O uso da expressão corporal como revelação e interligação daquilo que nos faz Ser e que incita à criação artística.

Na educação artística a expressão corporal sempre foi a base de trabalho, com a utilização dos sentidos sensoriais do corpo como canais de comunicação, com vista à expressão do corpo individual. Desde as dinâmicas de desenho cego (uma prática utilizada recorrentemente nas aulas de desenho onde não é permitido visualizar o que se desenha)

às práticas de comunicação assentes unicamente na palavra, que a dinâmica de retirar sentidos (abandonar a visão, o cheiro, o tato, etc.) tem vindo a enriquecer e expandir o conhecimento do individuo dobre as suas capacidades.

Os sentidos sensoriais são assim, vistos neste estudo, como lugares de possibilidades de ação e conhecimento. Quando transportados os objetivos das pedagogias performistas (Garoian, 1999) para um ensino a distância inclusive os diferentes canais de comunicação (emissão e recepção) ganham ainda mais força e sentido, como exploração dos Media, representada na proposta da equipa de requisitos pedagógicos (anexo II).

Estudo de caso “O ambiente na Arte”

Como preparação para o trabalho no Projeto “Tele-Média-Arte” e dados os constrangimentos que alteraram a sua calendarização foi desenvolvido “O Ambiente na Arte” de forma a entender e colocar em prática algumas ações no terreno para o encontro e reformulação de ideias.

O projeto “O ambiente na Arte” iniciou em setembro de 2016 e finalizou em junho de 2017, numa escola pública de ensino secundário e integra alunos com Necessidades Educativas Especiais do 12.º ano (dos 17 anos aos 20 anos). Com uma frequência mensal, o grupo de estudantes heterógeno (com várias patologias: limitações físicas e mentais), desenvolveu práticas artísticas contemporâneas, com o uso do corpo, de forma a potenciar as capacidades individuais.

“A Viagem é o mote para a descoberta do mais íntimo que há em Nós, mas também, para

o deslumbramento do caminho e para o encontro com o Outro.

Assim começa, a tatear o sonho, o imaginário e o simbólico, a caminhada com uns meninos muito Especiais que fazem reivindicar novos lugares, com sentido, para os diferentes ambientes da Educação Artística na contemporaneidade.

Procuramos entre os mapas, entre as cartografias e linguagens que nunca ousamos experimentar uma comunicação passível de transpor as barreiras do nosso corpo ou da mente não normalizada.

No simbólico, na poesia e na metáfora entramos num mundo só nosso e intensificamos os nossos códigos, encontrando espaço para partilhar aquilo que por palavras não conseguimos.

Pé ante pé (mesmo que estes não sejam iguais aos outros) criamos novos signos e um lugar de encontro.

Compreendemos que o caminho feito em conjunto é mais fácil e há sempre um lugar especial e confortável para cada um de nós.

Aprendemos que há lugares com regras que somos nós a ditar, e que, na nossa diferença, ensinamos ao outro como é viver dentro de corpos especiais.

Há lugares de partida que nos obrigam a parar os pés e a abrir as mãos. Este é um desses lugares.” (Saldanha, 2017) ⁴

O uso do corpo na sua totalidade e com características próprias, a consciência da

4.- Texto escrito por Ângela Saldanha no seu diário de bordo, janeiro de 2017

sua expressividade, de como este se relaciona consigo e com os outros, o lugar que ocupa e aquele que quer ocupar, as movimentações performativas e simbólicas são temas fundamentais nas sessões. Áreas escolhidas de acordo com as singularidades do corpo de cada elemento da turma. (Saldanha & Carvalho, 2017)

Com este trabalho, com as leituras de outros projetos (por exemplo: “Isolearn⁵” e “Serviço de Apoio à Inclusão em eLearning (SAIeL)”⁶) e outros ateliers (com crianças mais novas, como por exemplo os realizados no âmbito das estratégias de cadernos colaborativos⁷) compreendemos que são muitos os problemas, sobre as temáticas inerentes à Inclusão, ainda por solucionar, como por exemplo:

- As áreas disciplinares desejam-se relacionadas, na interdisciplinaridade, dos projetos desenvolvidos, mas procura-se agora um conhecimento mais profundo com a transdisciplinaridade de experiências.
- Cada sujeito é único e indivisível e deve ser incluído efetivamente em todas as experiências que a educação deve proporcionar.

- O reduzido número de agentes educativos com formação para entender como utilizar estratégias de inclusão.
- O grupo de estudantes que prossegue estudos pelos três últimos anos da escolaridade obrigatória já não apresenta características facilmente reconhecidas no passado (socioeconómicas).
- O perfil do estudante que finalizava a escolaridade obrigatória com nove anos de estudos ou dezasseis anos (adolescente) já não se enquadra para um com doze anos de estudos ou dezoito anos (jovem/adulto). Aquele que frequentará o ensino superior.
- As práticas artísticas que desenvolvem competências a nível de expressão corporal e desenvolvimento cognitivo (desenvolvimento do indivíduo na sua completa complexidade) ainda são exíguas dentro do recinto escolar.
- Existe agora um maior e diversificado número de estudantes que pode ingressar no ensino superior, o que levanta também novos desafios para este grau de ensino. (idem, 2017)

5- <http://www.ISOLearn.net/>

6- Existem várias publicações, como por exemplo: https://www.researchgate.net/publication/296962819_A_Cidade_Educadora_como_espaco_de_inclusao_Estudo_de_caso_do_Municipio_de_Leiria

7- Atelier realizado na Quinta da Cruz com mais de 100 crianças (dos 2 aos 11 anos): <https://www.youtube.com/watch?v=fVPOl0jJxDc>

Projeto MEDIArteDigital

O projeto Tele-Média-Arte visa promover a melhoria do processo de ensino e aprendizagem artístico a distância online aplicado na lecionação de dois cenários teste, o doutoramento em média-arte digital e o curso de aprendizagem ao longo da vida “A experiência da diversidade”, através da exploração de facilidades de telepresença multimodal abarcando os canais visual, auditivo e sensorial diversificado, e ainda formas ricas de interação gestual/corporal. Para tal irá ser desenvolvido um sistema de telepresença a instalar no Palácio Ceia, sede da UAb (Universidade Aberta), a partir do qual serão desenvolvidas e testadas metodologias de ensino artístico em regime misto - presencial

e a distância online – que sejam inclusivas a estudantes cegos e amblíopes.

O projeto prevê assim a implementação de estratégias pedagógicas para o ensino a distância online suportado por telepresença síncrona, por meio do agenciamento prático e interdisciplinar de metodologias artísticas (coreográficas, sonoro-musicais, plástico-visuais), as práticas científicas (das ciências exatas e sociais que necessitem de interação síncrona), às tecnologias digitais, visando desta forma o reforço e melhoria do MPV (Modelo Pedagógico Virtual) da UAb através do desenvolvimento da aprendizagem colaborativa síncrona a distância abarcando características inclusivas para públicos cegos e amblíopes.



Imagem dos autores

A figura abaixo ilustra uma possível disposição espacial do sistema de registo do Tele-Média-Arte.

O projeto Tele-Média-Arte está a ser financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e tem duração de um ano. A sua parceria envolve além da UAb, o INESC-TEC (Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores Tecnologia e Ciência), o CIAC (Centro de Investigação em Artes e Comunicação) e a APEC (Associação Promotora do Ensino dos Cegos).

De forma a tornar possível e acessível a informação capturada durante uma sessão no sistema Tele-Média-Arte, a informação será disponibilizada segundo diferentes canais sensoriais. Como primeiro passo para concretização desta proposta, estabeleceu-se o desenvolvimento de um protótipo, que assume para cada utilizador acesso à Internet, um computador pessoal e um Microsoft Kinect enquanto dispositivo de baixo custo.

Existem vários dispositivos com elevadas capacidades de captura de movimentos. Os dispositivos tecnológicos de baixo custo, como o já referido, viabilizam o recurso a captura de movimentos no contexto doméstico. A relevância destas interfaces deve-se essencialmente a dois fatores: o primeiro de cariz económico, pelo custo relativamente baixo de aquisição do equipamento; o segundo pela componente da usabilidade, porque a facilidade de instalação, configuração e utilização é elevada e bastante intuitiva.

Portanto, o primeiro canal de informação que está a ser explorado, é o visual. Além da utilização de sensores de movimento, está também prevista a captura e streaming de vídeos anotados. O próximo passo será o desenvolvimento do canal de áudio.

Considerações Finais

Uma Educação verdadeiramente inclusiva é um dos maiores desafios deste século.

Em Portugal com o aumento da escolaridade obrigatória para os dezoito anos existe uma necessidade, ainda maior, de repensar as práticas na integração das diversas áreas do saber e a amplitude de recursos para um ensino com sentido para jovens e adultos.

Os projetos apresentados neste texto, de forma resumida, revelam práticas de ação (uma em prática no ensino secundário e outra como proposta para o ensino universitário) de educação artística inclusiva.

“O Ambiente na Arte” (projeto que decorreu no ensino secundário) revelou-se eficaz na construção de pedagogias colaborativas e participativas com a comunidade escolar, transformadoras, potenciadoras e de desenvolvimento do indivíduo, de acordo com um Perfil de aluno holisticamente educado.

O ensino à distância (ou e-learning) (usado no projeto “Tele-Media-Arte”) é uma forma de ensino/aprendizagem mediados por tecnologias que permitem que o professor e o aluno estejam em ambientes físicos diferentes. Este tipo de ensino possibilita que o aluno crie seu próprio horário para estudar pois as aulas são ministradas pela internet, com o auxílio de uma plataforma tecnológica. (Saldanha & Carvalho, 2017)

Tendo em conta a identidade e os condicionalismos especiais do ensino a distância online importa conceber, desenvolver e testar em cenários de ensino-aprendizagem concretos estratégias pedagógicas mistas que conjuguem a ação online (aprendizagem

colaborativa) e a ação presencial expositiva e ativa em conjunto com mecanismos pedagógicos/didáticos e tecnológicos que permitam a inclusão de públicos com necessidade especiais, especificamente com cegos/amblíopes.

O Projeto Tele-Média-Arte, em que se centra o estudo apresentado, ainda não se encontra terminado, por isso este artigo concentra-se em questões teóricas e na construção dos requisitos pedagógicos para a concepção de uma infraestrutura inclusiva (com especial atenção nos utilizadores cegos). Querendo isto dizer que este projeto é um bom exemplo de tentativa para uma educação mais inclusiva e sustentável.

Uma forma de imaginar outros lugares de intervenção para a Educação Artística, que responda verdadeiramente à incerteza da sociedade diversificada contemporânea. O desejo de uma Educação Artística a distância, com o uso do corpo, como promoção das possibilidades de se conhecer e superar a si próprio, como promoção do diálogo e de práticas artísticas contemporâneas que relacionam ações próprias do conceito de viagem.

A relação do conceito de Viagem, de uma forma abrangente, com a Educação retoma a ancestralidade da deambulação, da constante procura e questionamento (muito praticado ainda no século passado, por exemplo: pelos artistas das vanguardas situacionistas e dadaístas; e atualmente amplamente exercitado pelos artistas), para conhecimento do mundo e de si (a utilização do corpo para uma relação consigo e com o meio).

Pretendeu-se uma abordagem interdisciplinar de relação e estudo sobre

as práticas comumente utilizadas na Universidade Aberta, os seus intervenientes diretos (professores e estudantes), os conteúdos modulares e a sociedade contemporânea, de forma a desenvolver novas práticas de formação inclusivas para estudantes do território nacional e dos territórios internacionais.

A consciência da necessidade de uma educação mais transdisciplinar com respeito pelo corpo individual para o desenvolvimento holístico é um dos resultados de reflexão que aqui apresentamos, pois apesar dos muitos constrangimentos e limitações encontradas, como por exemplo: o tempo limitado, a demora no desenvolvimento tecnológico, o reduzido financiamento ou os elevados preços da tecnologia; acreditamos que estamos a traçar caminho para um pensamento conjunto numa educação com e para o respeito do corpo de cada um. Num pensamento artístico contemporâneo, questionando novos espaços de ação para a arte.

A qualificação e formação dos docentes no sentido de serem capazes de atender alunos com carências visuais é uma necessidade urgente. Outro ponto importante é a adequação dos materiais didáticos e dos ambientes virtuais de aprendizagem, nomeadamente, os de Ensino à Distância, para essa fasquia de alunos. As Universidades devem oferecer formação inicial em cursos de ensino superior com currículos orientados para atender alunos com necessidades especiais, disponibilizar recursos didáticos variados e significativos, facultar ferramentas que facilitem a comunicação e permitam melhoria no processo de ensino aprendizagem.

O projeto Tele-Média-Arte é uma tentativa de criar condições inclusivas para estudantes invisíveis em ambientes de ensino à distância.

Ele tem como cerne principal o ensino da expressão corporal, porém é passível de utilização em outros contextos de aprendizado. Além disso, o projeto visa permitir a sua utilização de forma realista por parte do aluno, considerando um setup de baixo custo do lado do utilizador final.

Num futuro próximo será importante

alargar o corpus de estudo, com a realização de entrevistas aos utilizadores da plataforma desenvolvida, com vista ao seu refinamento e crescimento. Desenvolver práticas artísticas com a nova tecnologia que se transformem numa nova forma de criação. Também necessário repensar o ensino e formar, os profissionais que se movem na educação, na área da inclusão do ensino a distância.

Referencias

- BABO, Isabel (2015). “Espectadores e públicos activos”. Sacavém: Passagens.
- BAUDELAIRE, Charles (2015) 7ª edição. “O pintor da vida moderna”. Sacavém: Passagens.
- BAUDRILLARD, Jean (1976). “A troca simbólica e a morte”. Edições 70.
- BOURRIAUD, Nicolas. “Estética Relacional”. São Paulo: Martins Fontes. 2009.
- BRAUNSTEIN, Florence; PÉPIN, Jean-François. “O lugar do corpo na cultura ocidental”. Instituto Piaget.
- BURROUGHS, William (2010). “A revolução electrónica”. Sacavém: Passagens.
- CARERI, Francesco. Walkscapes – o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, Ltda. 2013.
- CARVALHO, E., & MARCOS, A. (2016). “O ensino e aprendizagem da programação de computadores no ensino a distância: uma proposta de instanciação do modelo pedagógico virtual da Universidade Aberta. Práticas e cenários de inovação em educação online”, 189-219.
- COVERLEY, Merlin (2010). Psychogeography. London: Pocket Essentials. 2010.
- DE EÇA, Teresa Torres; PARDIÑAS, Maria Jesus Agra; TRIGO, Cristina, Transforming practices and inquiry in-between arts, arts education and research. International Journal of Education Through Art, Volume 8, Number 2, 24 May 2012, pp. 183-190.

- DAS NEVES SILVA, A., dos Santos, A. M. G., Cortez, E. A., & Cordeiro, B. C. (2015). “Limites e possibilidades do ensino à distância (EaD) na educação permanente em saúde: revisão integrativa”. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 20(4), 1413-81232015204.
- DA SILVA ABBAD, G. (2014). “Educação a distância: o estado da arte e o futuro necessário”. *Revista do Serviço Público*, 58(3), 351-374.
- DANTAS, Paulo (2001). “A intencionalidade do corpo próprio”. Instituto Paiget.
- FRANCISCO, Maria Manuela Amado da Silva (2015). *A descrição parametrizada da imagem para um eLearning acessível e inclusivo [Em linha]*. Lisboa: [s.n.]. 2 vol. <http://hdl.handle.net/10400.2/4957>.
- GAROIAN, Charles (1999). “Performing Pedagogy”. State University of New York Press.
- GIL, José (2001). “Movimento Total – o corpo e a dança”. Relógio d’água.
- GOMÉZ, J.A.C.; FREITAS, O.M.P.; CALLEGAS, G.V. *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local: Perspectivas Pedagógicas e Sociais da Sustentabilidade*. Porto: ProfEdições. 2007.
- LABAN, Rudolf (1971). “Domínio do movimento”. Brasil: Summus Editorial.
- MANSO, Artur (2017). “Escolas para quê”. *Estratégias criativas*.
- MERLEAU-PONTY (2004) 5.ª edição. “O olho e o espírito”. Sacavém: Passagens.
- MIRANDA, J.A. (2017) 3.ª edição. “Corpo e Imagem”. Sacavém: Passagens.
- MOURÃO, Rui. *Ensaio de ativismo*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado. 2014.
- NETO, Cristina Maria Tavares Rodrigues (2016). “Serviço de Apoio à Inclusão em eLearning (SAIeL) : educação para todos : contributo para a inclusão de cidadãos com necessidades educativas especiais no ensino superior a distância em regime de elearning”. Universidade Aberta: <http://hdl.handle.net/10400.2/5390>
- PAIS, Ana (org.) (2017). “Performance na esfera pública”. Orfeu Negro.
- PIMENTEL, K., Oliveira, L. F., PEREIRA, R., PAIXÃO, G., & ARRUDA FILHO, J. N. (2014). “A inclusão de pessoas com deficiência visual na EaD segundo a ótica do aluno e da equipe multidisciplinar”. In CONGRESSO

PORFÍRIO, José António; GRONITA, Joaquim; CARRILHO, Tiago; VAZ DA SILVA, Helena (2016). “Ensino Superior para pessoas com deficiência visual e auditiva em Portugal: diagnóstico e contributos para uma efetiva inclusão”, Lisboa: Universidade Aberta. ISBN: 978-972-674-777-2. <http://www.ISOLearn.net/>

BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA (Vol. 11).

PEIXOTO, Fernanda. “A viagem como vocação”. São Paulo: Edusp. 2014.

REILLY, Sally (2015). “The body in contemporary art”. Thames & Hudson.

Saldanha, Ângela & Eça, Teresa. (2017). Per-corremos, Re-Paramos, Re-tornamos e Re-tornar – a importância do conceito de Viagem na Educação. Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB V.16 n°2/julho-dezembro de 2017, Brasília.

SANSI, Roger (2015). “Art, Anthropology and the gift”. London: Bloomsbury Academic.

SILVA, Paulo (1999). “O lugar do corpo”. Instituto Piaget.

SMITH, Keri (2016). “The Wander society”. New York: Penguin Books.

TAVARES, Gonçalo (2001). “A temperatura do corpo”. Instituto Piaget.

TAVARES, Gonçalo (2013). “Atlas do corpo e da imaginação”. Editorial Caminho.

TRAQUINO, Marta (2010). “A construção do lugar pela arte contemporânea”. Húmus.

Lei n.º 85/2009, de 27 de agosto.

Lei n.º 51/2012, de 5 de Setembro.

Decreto-Lei n.º 176/2012, de 2 agosto;

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho;

Despacho n.º 5048-B/2013, de 12 de abril.